



*Artículos y Ensayos*

---

**SESSÃO DEBATES: O COTIDIANO DA PSICANÁLISE NO COTIDIANO**

JOSELITA RODRIGUES RODOVALHO

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo refletir os debates que surgiram no nosso grupo de trabalho sobre o cotidiano da psicanálise na vida cotidiana.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Freud; Lacan; cotidiano

**DISCUSIÓN PLENARIA: LO COTIDIANO  
DEL PSICOANÁLISIS EN LA VIDA  
COTIDIANA**

**RESUMEN**

El presente trabajo tiene por objetivo reflejar los debates que se han generado en nuestro grupo de trabajo acerca de los

cotidiano del psicoanálisis en la vida cotidiana.

**Palabras claves:** Psicoanálisis, Freud; Lacan; cotidiano

**PLENARY DISCUSSION: THE EVERYDAY  
OF PSYCHOANALYSIS IN EVERYDAY  
LIFE**

**ABSTRACT**

The present work aims to reflect the debates that have arisen in our work group about everyday of psychoanalysis in the daily life.

**Keywords:** Psychoanalysis; Freud; Lacan; everyday



## **I – Crítica e Clínica**

Reflexões sobre as cinco psicanálises de Freud – os fundamentos e novas perspectivas sobre a práxis psicanalítica.

As cinco psicanálises formam o conjunto dos principais casos clínicos estudados por Freud que sedimentaram a elaboração dos fundamentos metapsicológicos, os conceitos fundamentais e as principais balizas técnicas da práxis psicanalítica. O caso Dora (estudos sobre a histeria); o pequeno Hanns (estudos sobre a fobia infantil ou neurose de angústia); o Homem dos Ratos (estudos sobre a neurose obsessiva); o Homem dos Lobos (estudos sobre uma neurose infantil com prenúncios de uma estrutura psicótica) e o caso Schreber (estudos sobre a paranoia na concepção freudiana de neurose narcísica).

Para introduzir os estudos sobre as cinco psicanálises de Freud se faz necessária uma incursão ao que Lacan propõe acerca do que o cotidiano da psicanálise nos ensina em nosso cotidiano de modo geral. Para tanto, lançaremos mão de sua comunicação à sociedade francesa de filosofia em 23/02/1957, publicada em seus Escritos (p. 438/460). Nesta comunicação a proposta de Lacan é colocar em debate junto àquela sociedade o que a psicanálise nos ensina, e como ensinar o que a psicanálise nos ensina.

### **O que psicanálise nos ensina?**

I – Ensina que “no inconsciente, isso fala”. Isto para dizer que o de que se trata no inconsciente nada tem a ver com profundidades, e sim com inacessibilidades. Isto é: o inconsciente é o lugar onde um sujeito no sujeito agente formula a sua questão. Esse um sujeito é o que transcende o sujeito agente do verbo.



II – Ensina que o sintoma é simbólico. Retomando aqui a proposição de Freud acerca do narcisismo, de que o passe do autoerotismo ao narcisismo é necessário um “ato psíquico”; esse passe produz um divisor de águas separando, em primeiro plano o real (corpo) do imaginário [imagem especular (o primeiro início: “no início está o ato”)], na sequência um novo “ato psíquico” se faz necessário separando imaginário do simbólico (o segundo início: “no início está o verbo”). É, pois, desde essa separação que o sintoma, na qualidade de uma significação, será distinguido de seu sentido natural: o que para as ciências biomédicas não apresenta a menor dificuldade em identificar o sintoma como efeito de algo cuja causa identificada debela-se o sintoma e o doente está curado de sua enfermidade, espera-se! Contudo, em se tratando de um psiquismo a questão do sintoma se torna algo bastante complexo, e o que Freud vai demonstrar é que o sintoma porta um sentido cada vez mais deslocado de sua significação primeira (o núcleo real do sintoma); e é devido ao mecanismo do deslocamento que a verdade do inconsciente vai estar situada nas entrelinhas daquilo que o sintoma revela em aparência. Ora bem, o que se vai encontrar nos liames dessas entrelinhas nada mais é que o cerne daquilo que Freud formulou como pulsão de morte.

III – Ensina que por ser recusada essa terrível verdade freudiana (“recusa do conceito”) de que o humano, assim como um ser vivo qualquer, tende a buscar o repouso absoluto, o princípio da inércia (automatismo de repetição), formulado como pulsão de morte; que certos psicanalistas caem em um ambientalismo confortável conduzindo a prática clínica pautada no sentido biomédico declarado. Trata-se, pois, de uma “clínica do sintoma” muito distante do que a clínica psicanalítica propõe: um método de investigação que possa levar a exata compreensão da constituição do psiquismo humano a partir da incidência da linguagem na determinação da



subjetivação do ser falante. Deste modo, renegam a difícil questão da contingência que Freud atribui ao objeto no destino de toda uma vida pulsional inerente ao ser humano.

### **Como então, ensinar o que a psicanálise nos ensina?**

1º - Ensinar, segundo Lacan, que a imensa literatura baseada na “recusa do conceito”, cuja consequência é a “recusa do conceito do inconsciente” tal como Freud o formulou, demonstra os efeitos das resistências que se situam no plano da relação dual imaginária, cujas fantasias tendem a torná-la demasiadamente coalescentes. Por esta via todo o trabalho da dialética analítica se perde no equívoco da transferência alienante do sujeito “no saber do analista” que a ele se apresenta como discurso do mestre, dominante de uma verdade incontestável. O analista enquanto “sujeito suposto saber”, nestas condições, se converte em um “saber posto”, cujo Eu é modelo de uma consistência a ser mimetizada pelo sujeito.

2º - Ensinar que a estrutura da dialética analítica pode ser formulada, sem acarretar maiores consequências quanto à questão da ordem do privado e do público, de maneira acessível tanto para a comunidade científica quanto para a comunidade leiga, pois a psicanálise não é nada mais do que um artifício cujos componentes o próprio Freud expos a céu aberto nas suas cinco psicanálises mais conhecidas e estudadas por várias décadas.

A dimensão extensiva das balizas que estruturam uma dialética analítica não compromete em nada a vida privada do analisando, a não ser se o analista venha aí se comprometer com sua própria subjetividade ao se tomar como parâmetro de uma “eficácia terapêutica”, concebendo-se um Eu autônomo, forte ou são, da qual o analisando irá se constituir como prova. Pois sendo assim, o que vai estar em jogo é



muito mais o desfiladeiro de vaidades constituídas do que a constituição de um procedimento dialético propriamente dito.

As balizas que norteiam a estrutura formal de uma dialética analítica são aquelas que permitem o restabelecimento de uma ordem simbólica na qual o sujeito ingressará nos desfiladeiros da história de uma vida vivida como história; da sujeição às leis da linguagem, as únicas passíveis de sobredeterminação dos significantes que constituem o sujeito como uma metáfora: a metáfora do sujeito; da articulação das experiências intersubjetivas pela qual a verdade entra no real. São, pois essas balizas que indicam a direção da cura psicanalítica que como dialética analítica tem como finalidade princeps a eficácia simbólica que guarda em si um sentido bem diverso de uma eficácia terapêutica. E os ensinamentos nos legado por Freud traçam as vias da formação do analista que seguem as mesmas vias das formações do inconsciente, cuja experiência, aquele que se quer constituído por um discurso analítico (discurso do analista), não pode se furtar.

3º - Ensinar que “o lugar descrito da verdade é prelúdio da verdade do lugar descrito”. Esse lugar não pode ser confundido com o sujeito que o habita, e tampouco pode ser confundido com o personagem outro que ali vai estar para doar sua escuta, doar-se apenas para dar “alma aos desafios do eu, corpo das miragens dos inocentes desejos perversos polimorfos”.

Simplesmente, é neste lugar que será produzida as coalescências do significante com o significado que formam o “nó matricial” ao qual todas as resistências se agarram. Bem entendido que a resistência é um conceito inseparável do conceito de trabalho: resistência de trabalho/trabalho de resistência. A resistência de trabalho reporta o sujeito ao árduo trabalho de simbolizar, isto é: àquilo que nos referimos anteriormente como “ato psíquico” como sendo o passe do autoerotismo (o corpo como objeto da



satisfação pulsional) para o narcisismo. Passe que redireciona a satisfação pulsional a um objeto outro, fora do corpo, mas um objeto projetado numa imagem especular que dará suporte ao reconhecimento de um eu em formação, contudo um eu que não é real, mas um sósia, que no mais profundo desconhecimento de si mesmo, o eu se toma como tal. O sujeito que vai estar em questão numa análise, portanto, é aquele que vai estar muito mais em outro lugar marcado pela completude da imagem egoica, do que em si mesmo onde experimenta o reboliço de uma terrificante desordem corporal.

Para além desse originário “ato psíquico” que retira o sujeito de dentro do casulo de si mesmo é exigível um novo “ato psíquico” que deverá retirar o sujeito do casulo da complacência do objeto narcísico que estanca a satisfação pulsional em um exclusivo objeto jubiloso, fonte de todo engodo das afeccionalidades humanas: amor/ódio, ignorância/indiferença, e direcionar a satisfação pulsional para além da imagem e realizar um novo passe para a travessia do campo da linguagem, campo do Outro maiúsculo, aonde o objeto do desejo, da demanda e da necessidade se diversifica e multiplica em objetos simbólicos para constituir a realidade humana, na qual se faz obrigatória a função da fala para a constituição das relações com os outros minúsculos, semelhantes entre si, o mundo humano, propriamente falando, que se sustenta em negociações, acordos, trocas, direitos, deveres, etc. que no frígir dos ovos não são nada mais do que uma forma civilizada da barbárie humana pela luta do poder e prestígio; parodiando Lévi-Strauss uma forma cozida daquilo que se fazia a cru.

É, pois, ao Outro maiúsculo para além do outro minúsculo que o analista deverá dar lugar no campo estruturado para uma dialética analítica. Neste lugar do Outro a neutralidade do analista se refere ao fato de ele prudentemente não se valer de sua



condição de “sujeito de direito” e nem se fazer valer de sua condição de um outro minúsculo, alguém que tem um eu, cuja imagem se torna modelo ideal de identificação e alienação do sujeito ao qual se predispões a acolher. O analista se cala (a paga com as palavras) e se apaga (a paga com sua pessoa) para dar lugar a palavra que dignifica a finalidade de uma análise como uma dialética que visa exclusivamente a eficácia simbólica, única possibilidade de abrir as vias para a assunção do sujeito do inconsciente à sua palavra plena e desvencilhar-se de um discurso que só é semblante, através do qual se desfilam as reproduções falaciosas de uma fala vazia.

4º - Ensinar que o ensinamento que podemos receber dessa prévia comunicação de Lacan é que “o inconsciente é esse discurso do Outro maiúsculo em que o sujeito recebe, sob a forma invertida que convém a promessa, sua própria mensagem esquecida”. Esse Outro que nada mais é que um campo a espera de um sujeito que possa vir a se engajar no garimpo dos significantes que lhe convém, como uma mina de diamantes que o inconsciente deixa transparecer por sua arte difícil, pois as brilhantes pedras não polidas e disfarçadas em grafite revelam a ignorância ou a indiferença revelada por Freud sobre os paradoxos do objeto precioso. É por não acreditar que uma suposta mina de diamantes não fornece nada mais do que grafites, que o real ganha a sua força insistindo compulsivamente em não se inscrever: “aquilo de que o amor faz seu objeto é o que falta no real; aquilo em que o desejo se detém é a cortina por trás da qual a falta é figurada pelo real”. Moral da história? Não sei... Como sabê-la?